

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

LUCIANA SOUZA DOS SANTOS

A PROBLEMÁTICA BULLYING E A FUNÇÃO DO PROFESSOR

RIO DE JANEIRO
2004

LUCIANA SOUZA DOS SANTOS

A PROBLEMÁTICA BULLYING E A FUNÇÃO DO PROFESSOR

Monografia apresentada ao Curso
de Pedagogia do Centro de
Ciências Humanas da
Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro – UNIRIO, como
requisito para obtenção do grau de
Pedagogo, orientado pelo
Professor Dr. Edson Ferreira
Liberal.

RIO DE JANEIRO
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
ALUNA: LUCIANA SOUZA DOS SANTOS

A PROBLEMÁTICA BULLYING E A FUNÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho apresentado à disciplina
Monografia II, como requisito de
avaliação orientado pelo Professor
Dr. Edson Ferreira Liberal.

RIO DE JANEIRO
2004




DEDICATÓRIA

AOS MEUS PAIS.
A JULIANA E
CARLUCIO, PELO
APOIO, AMOR E
CARINHO DE
SEMPRE.
A DEUS, PELA VIDA
E BENÇÃO DE TÊ-
LOS AO MEU LADO.

AGRADECIMENTOS

AOS MEUS PAIS
POR TUDO QUE
SEMPRE FIZERAM
POR MIM.
AO MEU
ORIENTADOR
EDSON LIBERAL.
AOS
PROFESSORES
QUE
RESPONDERAM AO
NOSSO
QUESTIONÁRIO.
AO Dr. ARAMIS
LOPES NETO PELA
ATENÇÃO
DEDICADA.
A CARLUCIO PELA
COMPREENSÃO.



"O homem se aproxima de Deus em três momentos: no orar, no lavrar e no educar. São as três atitudes supremas: para o céu, para a terra e para a alma..."

Rui Barbosa.

RESUMO

O estudo tem como tema o Bullying e o papel do professor frente a esta problemática. Teve como objetivos analisar a concepção que as docentes do primeiro segmento do ensino fundamental do colégio Externato Santo Antônio, localizado no Município do Rio de Janeiro possuem sobre o assunto; informar sobre a importância de uma presença efetiva do professor em sala de aula e alertar para a ocorrência do fenômeno nas escolas. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa-descritiva, com dados coletados a partir da aplicação de um questionário a 4 professoras de 1ª a 4ª série. As informações obtidas possibilitaram analisar o conhecimento das professoras sobre Bullying. Verificou-se que metade das entrevistadas desconhece tal prática e a outra metade afirma conhecê-la superficialmente, apresentando muitas dúvidas. Destaca-se também os indícios de sentimento do aluno que sofre com o problema e a concepção que as docentes possuem de sua intervenção nestes casos, considerando-a indiferente. Enfatiza-se a função do professor em sala de aula enquanto agente de transformação social. Conclui-se com sugestões que visam reduzir ou eliminar casos de Bullying nas escolas com base em uma atuação significativa do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying, professor, aluno, socialização, intervenção.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
CAPÍTULO 1 – Criança e sociedade.....	12
1.1 - Criança e violência.....	12
1.2 - Violência e escola.....	15
CAPÍTULO 2 – O professor.....	20
2.1 – Formação de professores no Brasil – breve histórico.....	20
2.2 – A influência do professor nas atitudes dos alunos.....	23
CAPÍTULO 3 – Bullying.....	28
CAPÍTULO 4 – Pesquisa de campo.....	34
Conclusão.....	42
Referências Bibliográficas.....	47
Anexos.....	49

Introdução

Sabendo que a infância é um importante período de desenvolvimento físico, mental e social do indivíduo, não podemos ignorar as conquistas, experiências e conflitos presentes neste processo. A escola é depois da família o mais importante espaço de convivência e aprendizagem para a criança. Portanto, tem como responsabilidade oferecê-la um ambiente seguro e prazeroso para que tal processo se dê da melhor maneira possível, pois ela é muito mais que uma simples transmissora de informações e conhecimentos. Nela dispõe-se uma série de interações essenciais para a socialização do sujeito.

Das interações resultam vários tipos de comportamentos, inclusive os agressivos, e entre eles encontramos principalmente nas escolas o chamado Bullying, que é um tipo de violência existente entre semelhantes. Trata-se de um fenômeno constante cuja gravidade passou a ser entendida a partir dos anos 90, como atos repetidos de opressão, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outros, com uma relação desigual de poder. Bullying é uma palavra inglesa e "Bully" é traduzido como brigão, valentão, tirano e como verbo significa tyrannizar, amedrontar, oprimir, maltratar, intimidar, já que não há termo semelhante em português.

Como podemos observar, os estudos sobre esta problemática são muito recentes e com a descoberta de suas conseqüências na vida do indivíduo, têm assumido dimensões internacionais. O pioneiro nestes estudos foi o professor Dan Olweus, da Noruega. No Brasil, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à

Infância e à Adolescência (ABRAPIA) desenvolve o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, que atua investigando e sistematizando estratégias de intervenção ao problema nas escolas. Com isso, algumas escolas vêm adquirindo conhecimento sobre o assunto.

Ao tomarmos ciência do tema, rapidamente o reconhecemos no cotidiano escolar, passado por experiências bem próximas sem a intervenção do docente. Daí o interesse no estudo da problemática enfocando a posição do professor.

O presente trabalho monográfico tem como base teórica e conceitual os conhecimentos de Paulo Freire e L. S. Vygotsky. Relacionando a importância do papel do professor e, conseqüentemente de sua formação com as interações, tão necessárias ao desenvolvimento cognitivo e social da criança. A ênfase a tais questões é acrescida quando ligada à problemática Bullying.

A seriedade deste trabalho é entendida quando se verifica a escassa literatura sobre o assunto e a possibilidade de contribuir para esclarecer e demonstrar aos professores a ocorrência do fenômeno nas escolas e o valor de sua efetiva presença em sala de aula.

Os objetivos do estudo foram:

- 1 - Informar sobre a importância do papel do professor frente a essa situação de violência.
- 2 - Identificar o problema em uma escola de ensino fundamental e o espaço da escola onde ocorre o Bullying.

3 - Verificar a concepção que os professores possuem de Bullying enquanto comportamento agressivo apresentado na escola.

As questões investigadas foram assim definidas:

1 – Há um grande número de professores que desconhecem o Bullying?

2 – Os professores vêem o Bullying como algo inofensivo, como “brincadeira”?

3 – Quais os tipos de intervenção e medidas tomadas por professores que contribuem para a redução ou eliminação do Bullying nas escolas?

Tais questões tiveram como metodologia o estudo de caso, ao passo que o trabalho monográfico analisou o conhecimento que os docentes de uma escola privada do Município do Rio de Janeiro possuem da problemática em questão.

Os dados foram coletados através de questionário aplicado a professoras de 1ª a 4ª série do ensino fundamental da referida escola. Para verificar o conhecimento dos professores foi construído um questionário que teve como base a pesquisa realizada pela ABRAPIA, a experiência vivenciada no cotidiano escolar e a revisão feita da Literatura sobre o assunto.

No final do mês de agosto foi decidido o tema a ser trabalhado. Em setembro foi decidida a utilização de um questionário e em outubro foram feitas sua estruturação e pesquisa bibliográfica. Em novembro o tema foi aprofundado na participação como ouvinte do “III Encontro Científico – saúde e educação na prevenção da violência”. No mês de dezembro foi aplicado o questionário e realizada a análise dos dados obtidos.

Primeiramente será encontrado no estudo um panorama histórico e comentário

da criança em/na sociedade, a formação de professores no Brasil, sua influência nas atitudes do aluno, apresentação do tema Bullying, pesquisa de campo e conclusão (sugestões).

O trabalho visa colocar em foco uma questão contemporânea que é o Bullying, devido a sua implicação na formação do aluno, discutir o papel do professor e fazer uma pequena pesquisa de campo como contribuição original. Esperando que no futuro possa desenvolver pesquisa em um tema tão atual e de grande relevância.

Capítulo 1 – Criança e sociedade.

1.1 - Criança e Violência

Em toda a história da humanidade houve sempre crianças, porém nunca foram entendidas como tal, com a visão que atualmente temos delas. ?

A consideração de crianças como um grupo etário próprio, com características, necessidades e direitos distintos, genuínos é muito recente. São inúmeros os descritos históricos de tratamento à criança. Ok

Na Antiguidade as crianças eram extremamente úteis quando os adultos encontravam-se em situações nas quais poderiam ocorrer-lhes situações de insucessos. Eram usadas em sacrifícios para afastar os maus presságios ou simplesmente para agradar os deuses.

Na Roma antiga havia uma legislação denominada Leis de Rômulo, nela existia um local denominado Coluna de Lactaria, destinado ao abandono de crianças consideradas ilegítimas, deformadas ou cujo nascimento fora acompanhado por maus presságios. Poucas eram recolhidas por estranhos para serem criadas como escravas. A maioria era deixada à intempérie.

Em razão da crença de serem propriedades de seus pais, há séculos crianças vêm sofrendo abusos. Acreditava-se que elas seriam “depósitos para todos os males”.

(declaração da Organização das Nações Unidas - ONU - em 1948), reconhecendo-as como pessoas em condições peculiares de desenvolvimento, não as considerando como adultos e garantindo-lhes os seus direitos, assegurados em lei especial. Pelo ECA, a criança é considerada como sujeito de direitos. Esta lei contribuiu com a construção de uma nova visão de criança: cidadã.

Portanto, a partir daí a criança passa a ser concebida como um ser social e histórico em desenvolvimento, que depende de sua interação com meio físico e social. Com esta definição de criança cidadã, injustiças e abusos contra estas passam a ser responsabilidade do Estado e da sociedade civil.

Em 2001 formulou-se a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências, aprovada pela Portaria MS / GM nº 737 de 16 de maio de 2001, onde se define violência como o evento representado por ações intencionais realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos, físicos, emocionais, morais ou espirituais a si próprio ou a outros.

Atualmente, apesar da tomada de consciência em proteger e garantir os direitos de nossos menores, eles convivem com a violência e com suas formas de apresentação de maneira muito mais próxima do que imaginamos. Em locais onde já foram alvos da prática agressiva - e muitas vezes permanecem - hoje mais do nunca, tomam-se também praticantes de agressões, um exemplo disto que será discutido mais a frente é a escola. E o basta para esse círculo violento pode ser dado não apenas pelos estudantes, mas também por professores, que devem oferecer condições e incentivos para o fim ou ao menos para uma redução considerável desta realidade.

1.2 - Violência e escola

A partir da Idade Média a educação tornou-se produto da escola. No início era destinada apenas à elite, servindo aos nobres. Depois passou a servir também a burguesia.

A escola era o local onde se ensinavam as atividades a serem desenvolvidas pela classe dominante. Por isso, ora era um local de aprendizado de guerra, ora de atividades cavaleirescas, ora do saber intelectual humanístico ou religioso. Enfim, atendia aos filhos das famílias de poder na sociedade.

No século XIX, com o desenvolvimento industrial, a escola passou a ter uma tendência à universalização, ou seja, a atender a todos os indivíduos. Pois, necessitava-se de uma instituição especializada que soubesse educar para o trabalho que se encontrava no âmbito da vida pública, cujas regras, leis e rotinas iam além dos conhecimentos adquiridos pela família.

Devido a essa industrialização, a escola começou a preparar as pessoas para o trabalho, fornecendo-lhes conhecimentos de aperfeiçoamento e especialização profissional.

Com este processo a escola caracteriza-se como uma instituição da sociedade, trabalhando a serviço desta e por ela sustentada, a fim de responder às necessidades sociais.

Para que tal imperativo fosse atendido com sucesso, fez-se uso da disciplina. E

para isto muitos professores utilizaram a violência contra seus alunos não só na Antiguidade, mas também no século XIX e até mesmo em parte do século XX, já que sabemos do uso de cintos, pedaços de madeira e grãos como forma de “educar” as crianças.

A escola apresenta-se hoje como uma das mais importantes instituições sociais por fazer a mediação entre indivíduo e sociedade. Tendo, portanto como uma de suas funções dar continuidade ao processo de socialização que se inicia com a família. Muitas vezes esse processo pode ser deteriorado pela problemática dos dias atuais: a violência.

Nesse sentido, cabe ressaltar que violência não é exclusivamente a prática de delitos, a criminalidade. Devemos nos conscientizar da existência das várias formas de violência que se encontram diluídas no cotidiano de nossa sociedade, às quais muitas vezes já nos acostumamos. Suas faces na escola são inúmeras, se dá pela atitude dos professores, do próprio estabelecimento e com frequência tem ocorrido da mesma maneira por alunos contra a instituição e colegas. A seguir discutiremos essas duas apresentações de violência que estão inseridas no cotidiano escolar.

Com relação à agressividade da escola, torna-se visível quando ela usa seu poder sobre os alunos para impedindo-os de pensar e expressar suas capacidades. O mesmo ocorre com os livros didáticos, quando demonstram conteúdos que fomentam pensamentos, atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias.

Outra forma de agressão contra alunos se dá na falta de espaço para o diálogo, para a crítica e por práticas autoritárias na relação de professor com seus alunos,

sujeitando-os a submissão, ao conformismo, a docilidade, a obediência.

Ao vivermos em um mundo onde somos “regidos” pela ideologia do dominante, esta é uma maneira de manter “tudo sob controle”, podendo tirar dos cidadãos o máximo de vantagens e neutralizar seus inconvenientes (interrupção do trabalho e “agitações”).

Quando tratamos de disciplina, seus elementos são intercambiáveis, definindo-se cada um pelo local que ocupa e pela distância que os separa. O que interessa é o lugar que alguém ocupa numa classificação e não a dominação em si ou onde ela ocorre.

Uma “anatomia política, que é também igualmente uma mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).
(Foucault, 1979)

Esta ideologia dominante tem como entre outras características o estímulo à competição que, ao passar de certo limite torna-se destrutiva.

Assim, uma escola que estimule demais a competição, pode favorecer esse clima de agressão entre os alunos, quando o que é valorizado é a nota, é o sucesso, que deve ser atingido à custa de excessivo desgaste para muitos. De um modo geral, essas são escolas que, na realidade, dão muito valor ao conteúdo e à informação, ainda que teoricamente se digam preocupadas com o relacionamento interpessoal. (Lopes Neto, 2003, p.33).

Quanto à agressividade provocada contra a escola por seus alunos e entre eles, temos a competição como um dos possíveis causadores desta problemática.

Não são apenas os fatores psicológicos que estimulam o comportamento agressivo, devemos considerar a organização social. Pois ela muitas vezes legitima e

mantém diferentes modalidades de violência. O estímulo pode ocorrer tanto no incentivo à competição escolar e no mercado de trabalho, como no incentivo a que cada indivíduo “dê conta” de sua própria segurança pessoal. Deste modo, a interação do indivíduo com a família, a escola e a comunidade, são de extrema importância para o (des)controle do comportamento agressivo entre os jovens.

Nesse tipo de ambiente, um estudante, que já vivencia essa mesma tensão em casa, tenderá a reagir negativamente, apresentando, com frequência, comportamento explosivo e podendo chegar, até, a maltratar seus colegas, como uma reação, por se sentir constantemente ameaçado. (Lopes Neto, 2003, p.33)

A violência infantil é uma das formas mais visíveis de violência na sociedade e suas principais vítimas e agressores são os próprios jovens. Não é difícil encontramos escolas depredadas, com mesas, cadeiras e paredes rabiscadas.

Quando abordarmos o tema violência contra crianças e adolescentes e o vinculamos aos ambientes onde ela ocorre, a escola surge como um espaço ainda pouco explorado, principalmente quando se refere ao comportamento agressivo entre estudantes.

O número de crianças que assumem posturas anti-sociais como condutas agressivas e atitudes individualistas parece aumentar a cada dia.

O tipo de comportamento agressivo, violento mais comum entre os estudantes é o chamado Bullying, que são as “brincadeiras” de colocar apelido, xingar, perseguir, esconder ou roubar pertences de outros colegas, enfim, maltratar de forma repetida o aluno. É uma conduta que ocorre com uma frequência muito maior que o imaginado, está presente em praticamente todas as escolas e é antiga, porém seu estudo é

bastante recente.

Em pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), constatou-se que no Brasil os estudantes identificaram a sala de aula como o local de maior incidência desse tipo de violência (Bullying), enquanto que em outros países ela acontece principalmente fora da sala de aula, no recreio.

No sentido chamar a atenção dos futuros e atuais professores, enfatizamos a necessidade de termos mestres cômicos a respeito do valor de sua efetiva presença em sala de aula, assim como de sua colaboração na formação de cidadãos que saibam viver em sociedade, onde o ser humano, com suas diferenças, seja mais respeitado.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (Freire, 1996, p.78).

Capítulo 2 - O professor.

2.1 - Formação de professores no Brasil - breve histórico

Ao tratar do estudo do ensino de professores, é possível fazer um breve histórico. Do início do século passado até o pós - guerra (1940 - 1950), a pesquisa sobre ensino de docentes pouco se desenvolveu. Os enfoques eram psicológicos e psicopedagógicos, visando sempre o aluno, o professor era visto como uma variável secundária que influencia a aprendizagem através de seus comportamentos. O Behaviorismo influenciava grande número das pesquisas anglo-saxônicas, que se preocupavam com a eficácia do comportamento do professor na aprendizagem dos alunos.

Nas décadas de 1960 e 1970 o movimento de pesquisa dominante continuava a ser o mesmo. Nesta mesma época, no Brasil, pesquisas que tomam este tema como objeto de estudo são mais lentas; bastante raras.

Já nas décadas de 1980 e 1990, surge um movimento nos Estados Unidos que procura mostrar aos professores a importância de seus trabalhos serem apoiados em conhecimentos validados pela pesquisa, para garantir a legitimidade e a eficácia de sua ação. Pois,

a análise dos valores e princípios de ação que norteiam o trabalho dos professores pode trazer novas luzes sobre nossa compreensão acerca dos fundamentos do trabalho docente, seja no sentido de desvendar atitudes e práticas presentes no dia-a-dia das escolas que historicamente foram ignoradas pela literatura educacional (e talvez possam trazer contribuições para o trabalho e a formação de professores) (Cunha, 1979, p.3)

A partir desta orientação, as pesquisas no campo educacional multiplicam-se. Contudo, atualmente esta temática vem se tomando cada vez mais expressiva. Estudos sobre os saberes docentes vêm constituindo-se como uma possibilidade de análise dos processos de formação de docentes.

A formação de professores implica à educação que se deseja oferecer e ao direcionamento da prática de ensino. Atualmente, fatores como a globalização, o multiculturalismo, as inúmeras formas de expressão dos jovens e adolescentes, os novos meios de comunicação, a violência e a exclusão social, configuram diversos e diferenciados cenários sociais, políticos e culturais de nossa sociedade.

A educação e os processos de formação de professores não podem fugir a esta realidade, uma vez que uma série de tensões e conflitos multiplicam-se no cotidiano escolar.

O educador progressista entende que qualquer reducionismo de classe, de sexo, de raça, distorce o sentido da luta, pior ainda, reforçando o poder dominador, enfraquece o combate. Por isso mesmo a sua é a defesa em favor da *invenção da unidade na diversidade*. (Freire, 1996, p.94).

Pelo fato da educação se tratar de um fenômeno exclusivamente humano, questões e estudos do cotidiano escolar devem estar presentes e serem discutidos na formação inicial e continuada de docentes. De acordo com Freire (1995, p.69) “[...] Impossivelmente neutra, a prática educativa coloca ao educador o imperativo de *decidir*, portanto, de *romper* e de *optar*, tarefas de sujeito participante e não de objeto manipulador[...].”

O processo educacional deve ser visto como uma ferramenta de transformação da realidade deve conferir aos educandos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos.

O professor ao atuar com e nas relações humanas, requer competências e saberes para agir individual e/ou coletivamente, a fim de fazer face às especialidades de seu trabalho. Nesta esfera de intervenções onde o professor planeja sua atuação para um grupo específico de alunos, não se pode prescindir do conjunto de conhecimentos proporcionados pelas teorias da aprendizagem, do desenvolvimento, da motivação, das diferenças individuais, etc., já que os problemas e demandas propostos na prática educativa tornam necessário recorrer a eles com frequência.

Ao estudar o trabalho docente, passou-se a levar em conta os diferentes aspectos de sua história: individual, profissional, etc. Assim, seus saberes vão-se constituindo a partir de uma reflexão na/e sobre a prática. "[...] A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir irando)blábláblá e a prática, ativismo [...]" (Freire, 1996, p.24). Dessa forma,

Pensar na formação do professor envolve, assim, capacitá-lo, dentre outras coisas, para lidar com conflito resultante do confronto entre os saberes diversificados dos diferentes grupos sociais que frequentam a escola, e aquele saber sistematizado presente em um determinado momento histórico-social e que a escola se propõe a transmitir. (Damasceno & Silva, 1996, p.20).

Nos dias atuais o futuro e/ou atual professor deve estar atento e informado sobre os diversos e novos tipos de comportamentos incidentes principalmente em crianças e adolescentes, pois é nesta fase que certas atitudes, ações tomadas contra e por estes jovens podem acarretar sérias conseqüências ao longo de sua vida. Já que "[...] ensinar exige querer bem aos educandos [...]" (Freire, 1996, p.159).

2.2 - A influência do professor nas atitudes dos alunos.

A educação é antes de tudo uma atividade social que não pode dar-se à margem de algumas relações interpessoais estruturadas. Sendo a escola o primeiro ambiente que a criança encontra fora da família - e que por sua vez é repleto de interações - podemos destacar dois tipos de relacionamentos de extrema importância para o desenvolvimento do aluno: a relação professor - aluno e a relação aluno - aluno.

Nossas reações ante aos fenômenos sociais e, mais concretamente, frente às outras pessoas, estão em grande parte mediadas pela percepção e pela representação que temos delas. Uma das principais fontes de informações que se pode ter de uma pessoa é a observação de suas características e de seu comportamento. É sobre uma categorização e seleção destas que se começa a construir a representação mútua dos indivíduos. No caso de professor e alunos essa observação se dá diretamente na sala de aula, no convívio cotidiano.

O ser humano possui a necessidade de se relacionar com outros seres vivos, e sua saúde mental depende desta interação. As representações sociais são construídas em qualquer momento e em qualquer lugar, ou seja, fazem parte da vida em sociedade.

Para o estudioso Vygotsky (1993) as interações sociais, ou seja, atitudes e ações que possam inserir a criança num grupo, colaboram de modo a que esta última possa constituir seu conhecimento e comportamento com a ajuda do adulto e de seus pares. Uma vez que a interação atua na constituição do sujeito e nas suas relações com o ambiente físico e social.

Neste contexto, a ação educativa desenvolvida pelo professor deverá implicar uma dimensão social, humanizante, cooperativa, e comunitária, orientando o aluno a

viver e a trabalhar em conjunto e a fazer da sociedade uma comunidade autêntica. E não um simples agregado de indivíduos, evitando assim, a permanência de atitudes agressivas entre discentes no ambiente escolar.) Uma vez que é o professor quem, na interação que estabelece com seus alunos, define as tarefas a serem realizadas e as regras que presidem seu desenvolvimento.

Em seus trabalhos, Vygotsky (1993) aponta para a importância da linguagem como instrumento de pensamento, afirmando que a função planejadora da fala, introduz mudanças qualitativas na forma de cognição da criança, reestruturando diversas funções psicológicas, como a memória, a atenção voluntária, a formação de conceitos, etc. O professor deve dar ênfase explicitando oralmente a seus alunos a maneira correta de se conviver com os colegas em sala de aula, em sociedade; respeitando as diferenças e individualidades de cada um. "Ninguém educa ninguém, mas ninguém se educa sozinho" de acordo com Paulo Freire (1993).

O estabelecimento de um clima de diálogo é necessário para contribuir com a segurança, a confiança mútua, a liberdade interior, a harmonia relacional que conduzirão à motivação, estimulando a estruturação dinâmica e desencadeando o desenvolvimento das capacidades intelectuais, físicas e morais.

Esta necessidade ontológica, imperativo da ação educativa implica que o professor oriente o aluno na convivência social, o estimule à descoberta de sentimentos novos e lhe desenvolva mecanismos de relacionamento, seja em relação ao processo da aprendizagem ou em relação aos colegas ou grupo de escola e que no futuro se possam repercutir nas suas relações com o grupo de trabalho e com a sociedade em geral.

Neste momento atentamos para outro fator: a influência do professor no comportamento do aluno. Nenhum professor passa pelo os alunos sem deixar sua marca, daí a importância do docente. Pois,

Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na "falta" de juízo. O pior juízo é o considera o professor uma *ausência* na sala. (Freire,1996, p.73)

O professor deve estar atento à responsabilidade de sua presença em sala de aula, que tanto pode auxiliar, estimular ou não o processo aprendizagem e de sociabilidade dos educandos. Tal relação é permeada pela afetividade, uma vez que "[...] conforme o tom com que fala, o olhar que lança, o gesto que esboça, a fala (do professor) adquire um valor determinado para o conjunto de alunos e, certamente, uma ressonância particular para alguns deles [...]" (Cunha,1979 p. 18). O professor é responsável e co-participante na construção da vida daqueles que, direta ou indiretamente, convivem com ele numa escola. Pelas suas atitudes, suas aulas e seu planejamento passam sentimentos, conhecimentos, conceitos e preconceitos.

São as relações sociais, sem dúvida as que marcam a vida humana, conferindo um sentido afetivo. Visando a relação professor e aluno vimos que esta pode ser caracterizada em três níveis:

"O dos **valores** presentes na relação, transmitidos através das idéias verbalizadas em sala de aula e refletidas nas ações e nos objetivos de trabalho; o dos **modelos** dados, ou seja, do que se faz e que é dado como exemplo, que pode ou não ser imitado, e o da **interação** propriamente dita: das reações das pessoas ao que o outro faz".(D'Oliveira,1987,p.3)

"[...] Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente

nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente [...]” (Freire, 1996, p.49).

O professor é um exemplo que influencia o comportamento dos alunos. Certas qualidades do professor, como paciência, dedicação, carinho, amizade, vontade de ajudar e atitude democrática ajudam na aprendizagem e no desenvolvimento das atitudes dos alunos.

Um professor autoritário, dominador, que não respeita a curiosidade dos alunos, que não consegue ter vínculo com os mesmos, estará estimulando-os a assumirem comportamentos tais quais os dele, criando um ambiente de desarmonia. Aumentando o sentimento de insegurança na sala de aula.

É evidente que a este respeito, tarefas importantes estejam reservadas ao professor que, será a figura no ambiente da criança, do jovem que com mais frequência é escolhida como modelo; as suas atitudes e as formas comportamentais são assim amplamente copiadas e adaptadas.

As relações interpessoais entre professor e aluno, exercem importante influência sobre a construção da personalidade do indivíduo. Cada pessoa traz consigo características de personalidade que por sua vez interferem na maneira pela qual se comportam e reagem com relação aos outros seres.

O professor deverá prestar particular atenção às suas atitudes, comportamentos na relação com seus alunos. Deverá entender que sua tarefa não é apenas inserir na cabeça dos alunos um número crescente de ensinamentos e sim, antes de tudo, exercer certa influência sobre a personalidade, como um todo. Tendo -

entre outras coisas - forte atuação na intervenção às atitudes agressivas, discriminatórias e excludentes que os alunos possam cometer contra outros colegas, rotulando-os de alguma maneira. É a adequada utilização da autoridade do professor atuando frente a uma possível liberdade sem limite. Já que "[...] a liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada [...]" (Freire, 1996, p.118).

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. (Freire, 1996, p.29).

O convívio do professor com o aluno, não depende exclusivamente da qualidade de ensino, mas do encontro entre pessoas. Neste diálogo franco, na interação professor-aluno, no "*encontro entre pessoas*" estão presentes os valores, os conceitos e preconceitos observados em sua época.

Cabe ao docente conscientizar o aluno para uma disponibilidade de abertura à cultura, ao meio, à civilização, à técnica e, sobretudo à socialização, à vida em comunidade que por sua vez (após a família) começa na escola.

Nesse sentido enfatizamos a importância do professor no combate a um comportamento que sempre existiu, porém nunca foi estudado e que há poucos anos - de acordo com estudos - vem sendo apontado como causador de sérias conseqüências na vida de alunos: Bullying.

Capítulo 3 – Bullying

Quem nunca foi "zoado" ou "zooou" alguém na escola colocando ou recebendo apelidos como "vassoura", "baleia", "quatro olho", "tucano"? Todos nós já presenciamos ou fomos vítimas de uma dessas "brincadeirinhas". Porém esse comportamento considerado normal por muitos pais, alunos e até mesmo professores, está longe de ser inocente, chama-se Bullying.

Bullying é o nome dado ao comportamento agressivo de estudantes em ambiente escolar. Geralmente é um comportamento intencional, repetitivo e sem motivação, provocado por um ou mais estudantes contra outros e explicita uma relação desigual de poder, mesmo entre crianças mais novas. Muitos tipos de comportamentos podem ser considerados Bullying, brincadeiras freqüentes e constrangedoras, humilhações e até mesmo agressões. Tais agressões podem ser diretas, que são aquelas que necessitam da participação direta do(s) agressor (es) como, por exemplo: bater no colega, xingar e roubar pertences. Ou indiretas, que são aquelas que não necessitam da participação direta do(s) agressor (es); as mais comuns são: fofocas, mentiras, apelidos pejorativos...

A palavra inglesa Bullying significa ameaça ou intimidação e, embora seja ainda pouco conhecida, refere-se a um problema que ocorre em praticamente todas as escolas e na grande maioria dos casos não é percebido pelos pais e educadores, pois as vítimas se recusam a procurar ajuda.

Os autores de Bullying geralmente são crianças com pouca empatia, vindas de famílias desestruturadas, ansiosas, confiantes e que não aprenderam a lidar com limites.

Já os alvos são crianças pouco sociáveis, com baixa auto-estima, que têm alguma característica que as tornam alvos fáceis de discriminação (ser gordinho ou usar óculos, por exemplo), passivos e que não reagem às agressões, embora quando tomam alguma iniciativa no sentido de pedir ajuda, recebem da família, como incentivo, responder ao agressor agredindo-o; além de não serem levados a sério por professores. Muitas vezes o Bullying se reflete na queda de rendimento e evasão escolar. Para os alvos de Bullying as conseqüências podem ser várias como, por exemplo: depressão, baixa auto-estima, angústia, estresse, absentismo, autoflagelação e, suicídio.

A maioria dos alunos não participa do Bullying, mas é conivente ao testemunhar os atos e se calar, por medo de se tornar a próxima vítima no futuro, normalmente participa da perseguição, porém nunca toma a iniciativa de agredir, são os seguidores ou testemunhas.

Essa problemática passou a ser estudada pelo professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen - Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava suas investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. O professor pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais

causando até mesmo suicídio. Atualmente, o Bullying é reconhecido como um fenômeno social, que pode surgir em vários contextos, não apenas no infantil como também no adulto. É considerado como parte de problemas de relações pessoais em diferentes locais como: trabalho, prisões e até mesmo no próprio ambiente familiar, entre outros.

Apesar do fenômeno ainda ser pouco investigado no Brasil, encontramos alguns estudos sobre BULLYING no ambiente escolar, realizados recentemente pela Profª Marta Canfield e colaboradores (1997), em que a autora procurou observar os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada o questionário de Dan Olweus (1989); pelos Profs. Israel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, que realizaram pesquisas para diagnosticar o BULLYING em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro; pela Profª. Cleodelice Aparecida Zonato Fante, em 2002, em escolas municipais do interior paulista, visando ao combate e à redução de comportamentos agressivos e pelo Dr. Aramis A. Lopes Neto membro da ABRAPIA e coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes.

O problema do "maltrato entre iguais" (*Bullying*) pode ser visto como um aspecto particular da violência na escola que, segundo a definição proposta por Olweus (2000), ocorre quando "[...] *quando um aluno ou uma aluna são expostos, repetidamente e durante um período de tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos [...]*". A designação "maltrato entre iguais" deve ser usada quando existe uma relação assimétrica de poder entre alunos.

No Brasil também temos notícias de casos onde esse tipo de violência tenha acarretado conseqüências graves entre estudantes. Em janeiro de 2003 um jovem de 18 anos invadiu a escola onde havia estudado com um revólver na mão e feriu gravemente cinco alunos e, em seguida suicidou-se. Obeso na infância e adolescência, ele era motivo de piada entre colegas.

Em fevereiro de 2004, em Remanso, na Bahia, um adolescente de 17 anos, armado com um revólver, matou um colega e a secretária de um curso de informática onde estudou. O jovem foi preso. O delegado que investigou o caso afirmou que o menino sofria algumas "brincadeiras" que ocasionavam certo rebaixamento de sua personalidade.

Além de haver casos com desfechos trágicos como os citados, esse tipo de prática está preocupando por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, como crianças dos primeiros anos de escolarização. Isto nos mostra uma tendência para o aumento desse comportamento com o avanço da idade dos alunos.

O comportamento violento distingue-se de outros tipos de comportamento pelo impacto negativo, tanto físico quanto emocional, que tem sobre aqueles a quem se dirige; ou seja, a violência implica a intenção deliberada de causar dano a outrem.

O Bullying muitas vezes é entendido como brincadeira, e por isso os autores desta prática não recebem nenhum tipo de repreensão. É preciso que professores tomem conhecimento deste fenômeno que ocorre há tempos em nossas escolas e que busquem sempre novos conhecimentos; para que o aparecimento de possíveis novos comportamentos, fenômenos sejam detectados sem que inúmeras crianças e

adolescentes sofram com suas conseqüências de maneira gritante, para a partir de então se tomar alguma decisão.

Daí a seriedade da função do professor, ao passo que a prática docente é densamente formadora, logo, é também ética. “[...] Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos [...]” (Freire, 1996, p.71).

O bom senso do professor deve advertir que exercer sua autoridade de professor na classe, orientando os alunos a tomarem uma postura de respeito e de boa convivência. Ressaltamos que esta postura não é sinal de autoritarismo, mas sim sua autoridade cumprindo o seu dever.

Capítulo 4 – Pesquisa de Campo

De acordo com revisão bibliográfica, verificamos que os estudos sobre comportamento agressivo entre pares e principalmente entre estudantes, conhecido internacionalmente como Bullying, são bastante recentes em todo o mundo e consideravelmente escassos no Brasil. Daí a importância da realização de pesquisas neste ambiente ainda pouco conhecido pela sociedade, destacando suas causas e possíveis soluções.

Com base nesta afirmação, a meta da presente pesquisa foi fazer um diagnóstico do conhecimento dos professores com relação ao Bullying e suas perspectivas de intervenção frente a esta problemática. Salientamos que se trata do início de uma pesquisa de campo que precisa ser ampliada.

Em Dezembro de 2004 foi feito o contato com a instituição e no mesmo mês realizada a pesquisa. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário dividido em 4 (quatro) partes: Conhecer Bullying, Saber da presença de Bullying em sua turma, Identificar o sentimento/comportamento do aluno que está sofrendo Bullying, Intervir na ocorrência de Bullying. Por último havia uma pergunta que interrogava a existência na escola de algum tipo de trabalho ou projeto voltado ao combate ao Bullying, com espaço para a descrição deste (no caso de resposta positiva). O instrumento continha 15 (quinze) questões de múltipla escolha, sendo que, uma delas como já foi mencionado, havia espaço disponível para complementação da resposta. Não houve identificação nominal dos professores. Ao término do preenchimento do questionário, o

tema foi discutido com as professoras, neste momento foi informada sua gravidade, possíveis conseqüências para os alunos e a necessidade do professor atuar combatendo este tipo de prática agressiva entre estudantes.

Foi escolhida aleatoriamente uma professora de cada série do primeiro segmento do ensino fundamental, totalizando 50% dos docentes deste segmento na escola. Primeiramente, foi feita uma apresentação oral do assunto a fim de explicá-lo às professoras que responderam ao questionário, aplicado simultaneamente a todas.

A população analisada foi, portanto, constituída por professoras de 1ª a 4ª série do ensino fundamental de uma escola particular localizada no Município do Rio de Janeiro. O total da amostra foi de 4 (quatro) professoras, obtido através da quantidade global de docentes desta área na escola, de acordo com a Tabela 1.

O principal critério para a seleção da escola foi já haver de nossa parte um conhecimento prévio da mesma e a manifestação da coordenação em auxiliar a pesquisa, uma vez que depois da conceituação do tema, sua presença foi identificada.

Tabela 1: População

População	Nº de professores	% de professores
Estimada	8	100%
Analisada	4	50%

Sabendo que Bullying é um conceito que envolve atos agressivos cometidos

entre estudantes, de forma repetida, com o intuito de intimidar, que abrange atitudes como: apelidar, perseguir, ofender, bater, excluir, amedrontar, "zoar", entre outros e considerados por muitos como "brincadeira", metade das professoras admitiu não saber da relação de tais atitudes com o fenômeno. Enquanto que os outros 50% disseram ter tomado conhecimento há aproximadamente seis meses.

Quanto a episódios de Bullying, 50% da população afirmaram haver a presença da problemática em sala de aula, outros 50% negaram tal existência. Nenhuma professora afirmou ter conhecimento de algum caso mais significativo.

Estudos internacionais indicaram o recreio como local que oferece maiores possibilidades para a ocorrência de Bullying. Porém, segundo a ABRAPIA, em estudos realizados no Brasil, os alunos indicaram a sala de aula como o local de maior ocorrência 60,2%. Tal diferença talvez possa ser entendida como resultante de um maior grau de vigilância nas salas de aula das escolas estrangeiras ou devido ao curto período de recreio adotado nas escolas brasileiras.

Com base nestes dados, antes da aplicação do questionário houve a possibilidade de uma conversa informal com alguns alunos da escola, que nos mostraram resultados parecidos com os da pesquisa no Brasil. Ao questionarmos as professoras sobre este local, o recreio apareceu com uma porcentagem de 50% , 25% para a entrada e/ou saída da escola e 25% para a sala de aula. Vide Tabela 2.

Tabela 2: Locais de ocorrência de Bullying - segundo as professoras

Sala de aula	25%
Recreio	50%
Entrada e/ou saída da escola	25%

Valor estimado, população, frequência.

Com relação ao sentimento dos alunos-alvo de Bullying, todas afirmaram haver algum indício que o denuncie e os que parecem ser mais freqüentes nestas crianças são: irritabilidade e brigas. Isto nos chama atenção para um fator agravante desta realidade: o estímulo a comportamentos agressivos.

Tabela 3: Indícios do sentimento dos alunos - alvo de Bullying

Tipos de indícios	Nº de respostas positivas / total de professoras
Isolamento	2/4
Irritabilidade	3/4
Queda da auto-estima	1/4
Brigas	3/4
Desinteresse pelas aulas	1/4
Evasão	0/4

Uma professora da 3ª série que disse não conhecer o fenômeno, porém saber da existência deste tipo de comportamento em sua turma, assegurou que “quando uns alunos começam a apelidar outros, a classe de maneira geral fica bastante agitada e agressiva”. De acordo com o resultado destas respostas, o comportamento agressivo mostrou-se presente tanto em turmas de séries mais baixas quanto nas mais elevadas.

No que diz respeito à importância do professor, sua postura e influência, todas as docentes indicaram o professor como referência de segurança para os alunos em sala de aula e o admitiram como uma influência nas atitudes destes últimos.

Quanto a sua intervenção no evento, uma parte acredita atuar reduzindo e eliminando o Bullying e outra parte acredita que sua atuação é indiferente. Portanto, encontramos aí um contra-senso, num primeiro momento as professoras se vêem como “peça” fundamental no direcionamento da conduta do aluno, principalmente na faixa etária em que atuam. Já num segundo momento, afirmam que a atuação do professor frente a esta problemática é indiferente. A Tabela 4 foi construída com base nas respostas da respectiva pergunta do questionário. Solicitava-se que as docentes demonstrassem diante da situação de Bullying a importância de sua intervenção.

Tabela 4: provável resultado da intervenção do professor.

Atuação	% respondido
Reduzindo o Bullying	25%
Aumentando o Bullying	0%
Eliminando o Bullying	25%
É indiferente	50%

Conforme as respostas dadas observou-se que na escola não há nenhum tipo de trabalho ou projeto voltado à prevenção ou ao combate do Bullying escolar, de acordo com a coleta de dados a idéia de prevenção ou combate ao fenômeno estaria inserido na vivência do professor com o aluno. Mas como poderia estar embutido no cotidiano escolar se os professores não conhecem o problema?

Após conversa informal com algumas professoras e alunos, pode-se perceber que nem mesmo a direção da escola possui um entendimento claro do assunto estudado pela pesquisa. Algumas disseram já ter ouvido falar muito superficialmente sem maiores esclarecimentos. No “bate-papo” surgiram muitas dúvidas das professoras. Determinada docente ao ter conhecimento do termo Bullying chegou a questionar: “Mas isso não é só brincadeira das crianças? Não é normal?!”

Após o preenchimento do questionário acabou sendo realizada uma “reunião” com estas professoras, que demonstram bastante espanto (até mesmo entre as que

disseram conhecer o assunto), curiosidade e interesse no tema, faziam muitas perguntas. Uma destas disse ter se surpreendido com a identificação de que as conhecidas "brincadeiras" podem acarretar sérias conseqüências para os alunos. Outras garantiram já ter lido a palavra Bullying em algum lugar, mas desconheciam o significado.

Além da aplicação do questionário foi possível fazer algumas observações no contexto desta escola. Após preencherem o questionário e serem informadas sobre o fenômeno Bullying, as professoras começaram a conversar entre si. Nesta conversa o assunto era um aluno que identificaram como um aluno-alvo de Bullying. Notou-se (em meio a risadas) que este aluno não era - pelas professoras - conhecido pelo seu nome, mas sim pelo apelido que os demais alunos o colocaram: "Falcão". De acordo com os relatos, percebemos que a criança citada não gosta do apelido e parece ficar aborrecida com a situação. Porém, as docentes afirmaram ser uma "besteira" pois não conseguem ver algo de errado nisso. Afinal, "ele já é conhecido em toda escola por esse nome" e "não adianta falar com uma criança ou outra, pois não param de chamá-lo assim".

A observação nos mostra o quanto esta situação de sofrimento para o aluno é banalizada pela maior parte dos docentes. Têm uma visão de que tais apelidos não passam de "brincadeira" e que é bobagem do aluno-alvo se importar com isso. Logo, a criança sofre e, a violência entre estudantes continua sem que nenhuma atitude seja tomada por parte daquele que muitas vezes é visto como uma referência de segurança em sala de aula.

Verificamos que muitos, ou como no caso da pesquisa, todos os professores têm consciência de que influenciar na construção social das crianças, mas talvez não saibam ou não tenham atentado para o fato de serem importantes agentes de transformação social. Ou ainda devido à desvalorização do magistério, estes acreditam estarem com sua autoridade "abalada", sem maiores perspectivas de mudança.

Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História* mas seu sujeito igualmente. (Freire, 1996, p.85).

Neste sentido devemos enquanto professores buscar o conhecimento de novas descobertas, investigações e constatações no campo educacional, para que a escola não se torne um local de medo, desprazer, angústia, mas sim como um local prazeroso de aprendizagem e segurança.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, dos desejos, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser "educado", vai gerando a coragem. (Freire, 1996, p. 51).

Conclusão

No nosso trabalho inicial, ficou claro que conforme as diversas referências bibliográficas Bullying continua a ser um tema ainda pouco explorado no Brasil. O assunto ainda não tomou a amplitude que deveria, daí a importância de trabalhos como esse, que buscam esclarecer um fenômeno antigo entendido como "brincadeira" mas que pode acarretar sérias conseqüências para o desenvolvimento psicológico e social de seus envolvidos: autor, alvo e testemunhas.

Vimos que desde a Antiguidade a concepção de criança passou por várias transformações e a criança, por sua vez, por vários tipos de violência. Mesmo com o passar de tantos anos e com toda tecnologia de informação, a violência continua presente. Presença essa que se dá - entre outros fatores - pelas necessidades da atual economia de mercado: o capitalismo, que estimula a competição e o individualismo.

Portanto, chamamos atenção para a realização de trabalhos voltados a essa problemática (Bullying), já que nos dias atuais atitudes de individualismo e de competição - mencionadas anteriormente - são "pregadas" desde a infância. O Bullying acaba por tornar-se também uma das conseqüências desse sistema capitalista exploratório. As crianças praticam Bullying de maneira mais intensa e violenta que no passado, já que com sua definição o identificamos em outras épocas. Porém só agora temos noção de sua amplitude e conseqüências na vida do indivíduo.

Detectamos a presença de Bullying já no primeiro segmento do ensino

fundamental, confirmada com a realização de pesquisa de campo. Neste sentido enfatizamos a necessidade de uma maior seriedade na postura do professor ao saber e presenciar comportamentos agressivos de alunos, principalmente na faixa etária de 1ª a 4ª série, pois neste período a identidade social do indivíduo está em formação. Para isso, identificamos como imprescindível à formação do professor o estudo das interações sociais e de seu papel como agente de transformação social; uma vez que, todas as funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações entre indivíduos. Os gestos, o desenho, a fala, a escrita e outras atividades do sujeito, constituem um instrumental cultural através do qual novas formas de comportamento, relacionamento e pensamento humanos vão sendo elaborados.

Assim, para Vygotsky (1993), a criança já nasce num mundo social, e desde o nascimento, vai formando uma visão desse mundo através da interação com adultos ou crianças mais experientes. Tratamos a influência do professor sem esquecermos que antes da criança receber a influência deste meio macro-social, em uma primeira etapa a criança é influenciada pelo meio micro-social, ou seja, pela sua família. Assim, atos agressivos podem ser APRENDIDOS por meio da observação de modelos agressivos também pode ter efeito de aumentar o comportamento agressivo do observador. Por conseguinte, é de se esperar que, em geral, crianças recompensadas por agressão e as que vêem muita agressão nas pessoas que a cercam tornar-se-ão mais agressivas do que aquelas crianças que tem modelos menos agressivos e que foram menos recompensadas por comportamentos agressivos. Além de promover o crescimento psicossocial de seus membros, é igualmente o "primeiro" espaço de aprendizagem da criança. Deste modo, anterior aos mestres, os pais também exercem influência no

comportamento de seus filhos. E juntamente aos primeiros, desempenham enorme função frente ao desenvolvimento cognitivo e social da criança.

A qualidade das trocas que se dão no plano verbal entre professor e aluno irá influenciar decisivamente o seu pensamento e o "processamento" de novas informações. Em sua teoria, as condições sociais e as interações humanas afetam (de maneira positiva ou não) o pensamento e o raciocínio do ser humano. Todo o conhecimento que a criança se apropria é feito através das "trocas" com o outro.

O trabalho pedagógico deve se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, sujeitos que vivem em sociedade, cidadãos e cidadãs. O que exige levar em consideração suas diferentes características.

Os possíveis conflitos não podem ser encobertos, mas também não devem ser reforçados, necessitam ser explicitados e trabalhados com a criança, a fim de que sua inserção social no grupo seja construtiva. Visto que, uma vez valorizada cada uma possa desenvolver sua autonomia, identidade e pensamento de cooperação e solidariedade com as demais. Daí a importância de se validar a voz do aluno, da criança. Quando a aluno tem espaço e vez para falar, há possibilidade não só de crescimento como também de um pedido de socorro, que muitas vezes é silenciado pela necessidade de transmitir conteúdos, colher bons resultados para a escola (fruto do atual sistema econômico), pois violência não é somente agressão, mas também omissão.

Para a redução do Bullying é necessário que o ambiente escolar sinalize para o imperativo de sistematizar intervenções às atitudes anti-sociais dos alunos. Ao passo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M.E.D. Perspectivas atuais da pesquisa sobre docência. In: CATANI, D.B. et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo. Escrituras Editora, 1997.
- BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRASIL. Constituição Federal. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
_____. Ministério da Justiça/Ministério Ação Social/CBIA/Unicef. **Direito de Ter Direitos**. Brasília, 1991.
- CANAU, V. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: CANAU, V. (org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARVALHO, I.M. **Introdução à psicologia das relações humanas**. 6.ed. Rio de Janeiro, 1974.
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia da educação**. vol.2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- COUSINET, R. **A formação do educador e a pedagogia da aprendizagem**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1974.
- CUNHA, M.I.C. et al. Motivação e tecnologia educacional. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro. Associação Brasileira de Tecnologia Educacional(28), mai/jun, 1979.
- DAMASCENO, M.N.; SILVA, I.M. Saber da prática social e saber escolar: refletindo essa relação. In: **Anais da 19ª ANPED**, 1996. (disquete).
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.
- DEBARDIEUX, E.; BLAYA C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Mimeo, 2003.
- D'OLIVEIRA, M.H. Analisando a relação professor-aluno: do planejamento à sala de aula. São Paulo: CLR Balieiro, 1987.
- Educação: um tesouro a descobrir**. – 4. ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.
- Estatuto da criança e do adolescente. **Lei 8.069/90**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**.

São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GARCIA, R.L.; FILHO, A.L. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos – uma alternativa curricular para a educação**. São Paulo: Ática, 2001.

KRUG, E. G. et al, eds. **Violência Juvenil. Relatório Mundial sobre Saúde e Violência**. Genebra, 2002.

LIBERAL, E.F. **Construindo escolas promotoras de saúde**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2003.

LINHARES, C.; GARCIA, R.L.(org.) In: **Simpósio Internacional – Crise da razão e da política na formação docente**. Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, N. A; SAAVEDRA, Lúcia H. **Diga não para o Bullying – Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Rio de Janeiro, 2003.

MANACORDA, M.A. A educação em Roma. In: MANACORDA, M.A. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SINGER, P. **Economia solidária versus economia capitalista**. *Sociedade e Estado*, vol. XVI n.1-2, jan/dez. 2001.

SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita. Alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ANEXOS

PROFESSORES

Você já conhecia Bullying?

- sim
- não

Tomou conhecimento do assunto aproximadamente a :

- 1 mês
- 6 meses
- 1 ano
- + de 1ano
- não conhecia

Há episódios de Bullying em alguma turma que você trabalha?

- sim
- não

Tem conhecimento de algum caso que tenha sido mais significativo?

- sim
- não

Você acredita que o bullying ocorra com maior frequência:

- na sala de aula
- no recreio
- na entrada e/ou saída da escola

Os alunos se sentem incomodados com esse tipo de comportamento?

- sim
- não

Há algum indício que denuncie o sentimento do aluno?

- sim
- não

Qual(is)?

- isolamento
- queda da auto-estima
- desinteresse pelas aulas
- irritabilidade
- brigas entre alunos
- evasão

É essencial na redução deste comportamento em sala de aula:

- alunos
- professores
- pais
- toda comunidade escolar

Você acredita que o ambiente escolar possa favorecer ou desfavorecer a ocorrência de bullying?

- sim
- não

Os alunos veem o professor como uma referência de segurança em sala de aula?

- sim
- não

Na sua opinião, o professor exerce influência nas atitudes dos alunos?

- sim
- não

A intervenção do professor frente a essa problemática atua:

- reduzindo o bullying
- aumentando o bullying
- eliminando o bullying
- é indiferente

Na escola em que atua há algum tipo de trabalho, projeto, que ajude a reduzir o Bullying?
De que tipo?

- sim
- não

De que tipo?

R: _____

É importante haver um trabalho que atue ante a esse fenômeno?

- sim
- não

Tempo de Magistério: _____



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Rouçana Souza dos Santos

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A problemática Bullying
e a função do professor.

ORIENTADOR : Odson Riberal

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :-

Professor convidado: PROFESSOR MANOEL ANTONIO CARDOZO

Nota : 9,0

Considerações:

- Explorou sobre o tema
- Como meta da pesquisa a avaliação
com apenas 4 professores de uma só
instituição pode apresentar "visões" de
interpretação e não servir como base
para conclusões.

Segundo avaliador :

Professor orientador : Edson D'Almeida

Nota: 9,0 (ótimo)

Considerações:

O tema é relevante e atual. Além de
apresentar da escrita biográfica, possui também
um pouco mais aprofundado. A pesquisa
de campo inicial foi realmente o início
de uma pesquisa.

Edson D'Almeida

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Cláudia Coelho

Nota : 9,0

Considerações:

Com termos fornecidos, o trabalho está bom.
No entanto, é necessária uma revisão textual, bem
como uma formatação mais específica para as páginas iniciais

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	9,0	27,0	9,0
-	-	-	-	-

Rio de Janeiro, 15 / 03 / 2005

Ligia Cláudia Coelho